

# OS SECULO

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E OFFICINAS: RUA DO SÉCULO, 43 — LISBOA  
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: SECULO — LISBOA  
TELEFONES: 4.000, 4.301, 4.302, 4.000, 4.004, 4.092  
SUCURSAL DO SÉCULO: N.º 4.323

REDACTOR PRINCIPAL — AMADEU DE FREITAS PROPRIEDADE DA SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA ANTONIO MARIA LOPES — EDITOR

## Os funeraes do Poeta Do Congresso da Republica ao Mosteiro dos Jeronimos

### A população de Lisboa, cumprindo um nobre e sagrado dever, acompanhou Guerra Junqueiro ao «Pantheon» Nacional — O grande lirico ficou na Sala do Capitulo, ao lado de Herculano

O paiz soube pagar com dignidade e com grandeza a sua divida de honra. A homenagem hontem prestada a Guerra Junqueiro foi uma sincera e nobre manifestação de civismo, deixando-nos a certeza de que não é em vão que os grandes homens trabalham para o engrandecimento da sua Patria. O povo de Lisboa, glorificando o admiravel Poeta da maneira extraordinaria por que fez, a si proprio se cobriu tambem de gloria.

O corpo de Junqueiro, cercado pelas bandeiras dos municipios, passou hontem, no larguissimo percurso que vae do Palacio do Congresso ao Mosteiro dos Jeronimos, entre duas filas compactas de gente, com a presenca de milhares e milhares de crianças.

Nam o sol ardente, que do céu tranquillo e azul descia n'um claro dourado de apoteose, nem as ordens rigorosas e fielmente cumpridas da policia, conseguiram afastar a multidão, que, a medida que o cortejo ia desfilando n'ele se incorporava, para acompanhar até Belem o lirico extraordinario que tanto comoveu o seu coração e a tão profundamente prendeu o seu espirito.

Foi digna da obra do Poeta a homenagem que hontem se lhe prestou. Não foi um funeral muito concorrido, a que o povo se associasse por mera curiosidade. Houve beleza, houve emoção, houve ternura na glorificação do homem superior que hontem ficou dominado o sono eterno sob as abobadas de pedra dos Jeronimos.

Mais de 500.000 almas bendisseram o seu nome ao velar passar a urna em que fôra encerrado o seu cadaver. E estamos certos de que a cada hora, de norte a sul de Portugal, todos os seus habitantes, desde os cavalleiros de Barga d'Alva aos pescadores algarevites, elevaram a sua prece de agradecimento ao criador de tanta beleza.

A chegada aos Jeronimos foi a apoteose. Quando a urna, conduzida aos hombros dos estudantes, deu entrada no templo, ladeada de centenas de palmas e de bandeiras e recebida pelo genio de Beethoven, nos sons do formosissimo «Adagio», da «Sinfonia Heroica», uma commoção funda se apouso de todas as almas e em muitos olhos afloraram lagrimas.

Já havia sempre no tempo que hontem a claridade exterior. A urna foi levada a todo o comprimento da nave, entre as columnas rendilhadas, e colocada na eça.

Foi um momento de suprema beleza e, a atenuar a magua pela perda do Poeta, de supremo conforto moral. Uma geração que pratica um tal acto de justicia, com uma tão extrema simplicidade e ao mesmo tempo com um tão enternecedor afeto, não é, não será capaz nunca de deixar que a Patria se perca, porque era a Patria que ele ia ali adorar, na imortalidade de um grande Poeta, que fez da bondade e do amor a razão de ser da sua existencia.

Repetimos: o paiz cumpriu nobremente, dignamente o seu dever. A Republica, que ha tanto tempo a Batalha dos cadaveres do Soldado Desconhecido e levou hontem para os Jeronimos o corpo de Junqueiro, interpretou o sentir de toda a nação. O heroismo e o genio acolheram-se á sombra da mesma bandeira e o exemplo d'uns e do outro decerto fructificarão nas gerações que se succedam.

#### No vestibulo do Congresso

##### Velando o ultimo sono do Poeta

Ao romper da manhã, quando os primeiros raios do sol, ceados pelos vidros do palacio do Congresso, baixam sobre o atalho, continuavam hirtos, na sua imobilidade silenciosa e punente, os academicos que velavam o sôno derradeiro do Poeta. Os tapetes da abobada, nos seus velarios foscos, radiavam claridades frouxas. Ladeando a eça seis brandes eretos de chamas palidas e tremulas. A luz do céu n'um crescendo triangular, n'uma inundação irresistivel, abafou as cintilações morticas das luzes funerarias. Em breve o sol, coado suavemente, seia as rutilas cruzes do fogo, mas com a luminosidade difusa dos sonhos mistificos, se derramou pelo claustro, enchendo-o de alto a baixo, como uma nuvem bendita de resurreição. Envolto em luz, o atalho dize-se-hia flutuar como o tumulo suspenso de um santo ou de um profeta. E ao seu redor, eretos, graves, emocionados, os academicos, de faces maceradas pela vigilia, de olhos ardendo em commoção, almas de alvura vestidas de negro, oravam mudamente ao genio morto, á palavra feita espirito, ao cadaver feito fé, á memoria gloriosa e sagrada de Junqueiro.

Com o amanhecer, transmudou-se o silencio pensativo da noite em movimentos de ceremonial. Desde muito cedo, começaram a organizar-se os turnos officiaes, sem que, contudo, os estudantes abandonassem os flancos do atalho. A fôrça nãô se pôde dividir em quatro leões dourados, foi n'uma breve cobertura de fitas brancas, franjadas de ouro, com letras de ouro, com dedicatórias, com versos d'ouro. Essas fitas, cobrindo o veludo do catafalco, transformaram-no n'um grande flocó de arminho.

Vinhão até, quasi, ao chão, pendentes

sobre o estrado de um degrau, em que jaziam derrubados humildemente estandartes e pendões.

Entrava gente a pouco e pouco, n'uma teoria vagarosa. A medida que a grande nave se ia enchendo, mais profundo o silencio se sentia. Vinham delegações das Camaras de todo o paiz, as associações scientificas e litterarias, os bombeiros Municipaes e Voluntarios, escoteiros, escolas industriales e primarias, Mutilados de Guerra, escolas primarias, officias e particulares, associações de recreio, seccores mutuos, de beneficencia e de classe. Abatiam as bandeiras, de rojo, no pó das lages e iam collocar-se nas filas que rodeavam o fôrno funerario do Poeta. Coberta pela bandeira nacional, a urna era como que o centro hipnotico de todos os olhares e de todas as preces. A luz era, agora, mais forte. Raios de sol, soltos e em felizes, chapavam-se nos marmones, escuriam docemente até ao chão, ficavam pendentes das arcarias, ao mergulhavam e morriam esvaídos nas saneiras e colgaduras negras que cobriam, lutosas, as columnas. Plantas ricas, em grandes vasos, escondiam-se timidamente nos nichos lateraes, para não perturbarem o espetaculo da morte, com o borbulhar ocellito das suas seivas. Ao fundo, pedunculada e branca, ficava a Republica, enfaixada de crepes, n'um pedestal baixinho, a meia altura da urna.

Os turnos succediam-se e acumulavam-se os grupos de veladores. Das 7 ás 8 constituíram turnos os srs. José Miranda, Paes Gomes, Tiago Queiroz, Gustavo Ribeiro e Joaquim Estanilha Nunes Vaz. Das 8 ás 10, B. Gomes, Silva Brandão, Lúcia da Branda, Francisco Martins, Pessoa Franklin, Antonio Sales, Rebelo da Costa, Mousinho da Conceição, Eulálio Machado e parlamentares de Macau, Moçambique, Ponta Delgada e Portalegre. Das 10 ás 12, Moreira Junior, Baptista Salgueiro, Mota Silva, Reinaldo Seixas, Armando Castelo, Santos Paiva, Carlos de Carvalho, Asdrubal Aguilár e parlamentares do Porto e Santarem. Das 12 ás 14, Arnaldo A. Pinto, Barroso Salgado, A. Pascoal, A. Silva Pereira, Arnaldo Soares e parlamentares de S. Tomé e Viana do Castelo. Das 14 ás 16, C. Gomes e parlamentares de Vila Real e Vizeu.

As 16 horas succediu-se o grande turno academico, constituído por todos os estudantes que representavam a Academia de Portugal e que velaram o cadaver até á sua saída. Homens de letras e individualidades da vida publica portuguesa compareceram tambem em grande numero, vindo-se junto da eça, nos ultimos momentos, os srs. dr. Alberto d'Oliveira, dr. João de Barros, dr. Jaime Cortezão, M. Sousa Pinto, que tambem representava o poeta sr. Julio Branquinho; o pintor Antonio Carneiro e Silva Passos, dr. Carlos Babo, Adães Bermudes, Alcantara Carreira, Bartolomeu Severino, dr. Magalhães Lima, Artur Leitão, Arnaldo Pereira; os deputados srs. Sá Cardoso, José Pontes, dr. Artur Costa e em nome dos funcionarios publicos, o sr. Alvaro Pereira. Velaram ainda o cadaver durante o dia, officios do Exército e da Armada, soldados da G. N. R., Policia e representantes dos Pupilos do Exército e da Escola Militar.

Varios membros do Governo tomaram tambem parte nos ultimos turnos. Ao aproximar-se a hora do saímento o ministério, com o seu presidente, encontrava-se todo á cabeceira do feretro, vindo-se tambem ali representada a presidencia da Republica pelos srs. dr. Jaime Atlas e Barreto da Cruz.

#### O saímento do feretro para o armário

Formando alas, do catafalco até ao portão, foi postar-se uma companhia da Guarda Nacional Republicana, com o terço de corneteiros. A entrada, os continhos do Congresso, fardados, estabeleciam uma barreira reforçada pelas sentinellas da guarda. Das varandas do Congresso pendiam panos negros de franjas de ouro. Uma diagonal de crepe cortava obliquamente a fachada do edificio. No largo deserto, os soldados espalharam ramos de rosmaninho e de alfazema, cobrindo o pavimento estoril com a alma poetica dos campos. Ao sol que os ataga, os ramos des-

corneteiros da Guarda. Ha vozes de comando. A companhia apresenta armas. Ergueram-se de novo os pendões e os estandartes, que ladeiam e seguem o cadaver, formando-lhe uma palissada heroica, florista de glorias, de significações, de forças moraes, representando no seu conjunto a alma multipla de uma Nação que pranteia e acompanha na caminhada derradeira o ultimo dos seus genios con-

#### A chegada do cortejo tenebre aos Jeronimos

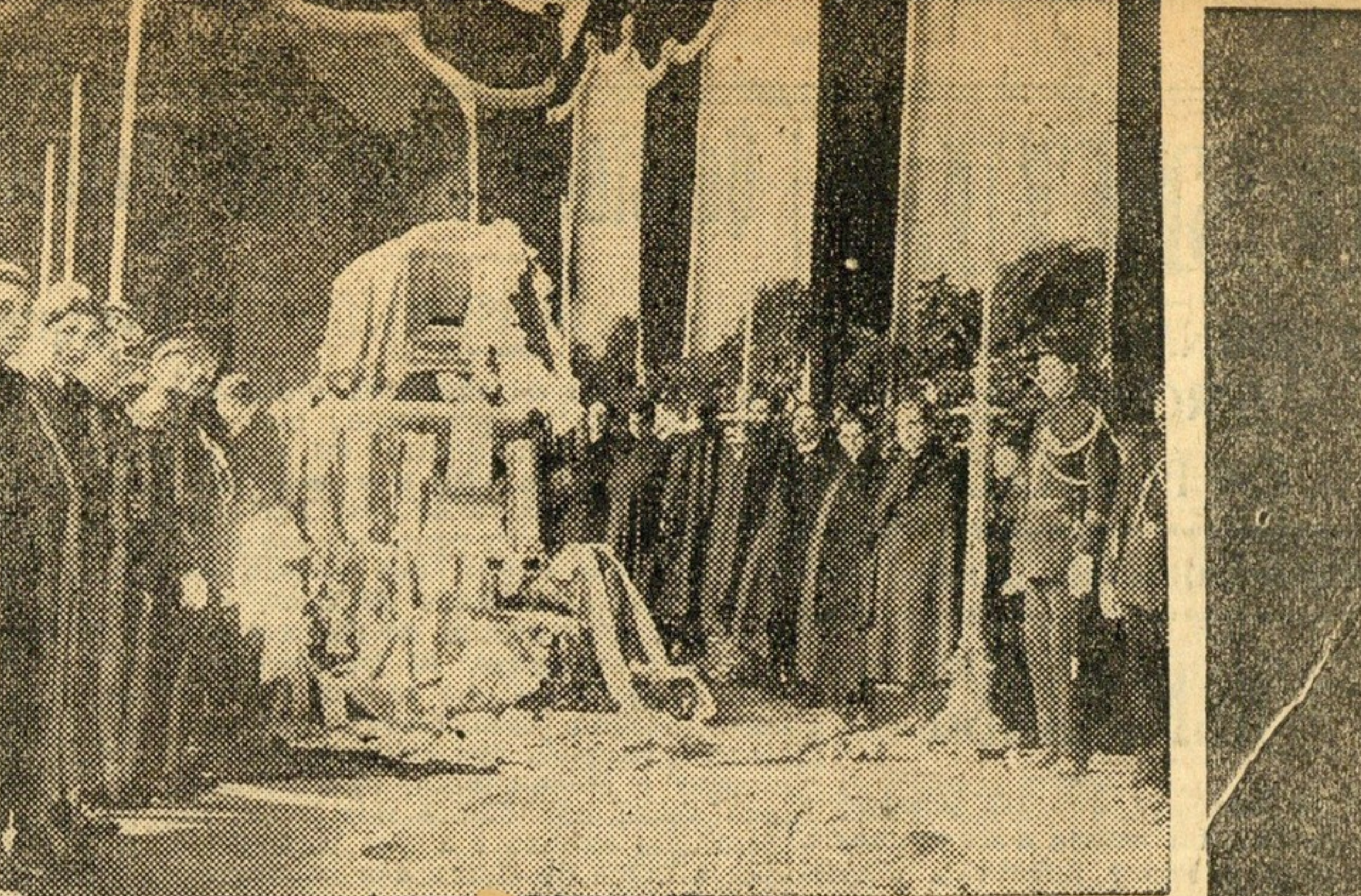
temporaneos, o maior dos maiores da sua Raça.

Até ao portão o pequeno cortejo seguiu entre espíngardas levantadas. Atraz do feretro caminhavam todos os assistentes, de cabeça descoberta. Colocada a urna no armário, o largo fica coalhado de gente que a seguiu. Ha pela multidão um fremito, que se propaga de rua em rua, de coração em coração. Os rosmanhos e as alfazemas, espesinhados, martirizados pelo peso da turba, exaliam mais ativos perfumes, dores penetrantes de supplicio. Uma grande languidez saudosa e mistica envolve o caixão, que continua guardado pelos estandartes e pendões. Simultaneamente, n'uma estranha harmonia casual, clarins e cornetas associam as notas melancolicas das suas marchas aos reverberos estridulos que o sol arranca dos metaes. E' uma sinfonia fantastica de lumes, de perfumes e de sons, cantico multiforme dos homens e das coisas, em honra ao maximo cantor, que morreu, mas resurgiu para a vida eterna da gloria.

Uvem-se depois novas vozes de comando, cortando a espaços o que havia de silencio. As tropas executam movimentos rapidos de continencia, erguem as armas, levantam mais as bandeiras. O armário põe-se em marcha. Começa agora a

baça, Povoá de Varzim, Cintra, Obidos, Ovar e Lagos, á esquerda.

Após o armário seguia a grande comissão organizadora dos funeraes, representantes das Juntas de Freguezia de Lisboa, senadores e deputados, representantes das Camaras Municipaes da Covilhã, Arruda dos Vinhos, Ribeira de Pena, Marinha Grande, Ceiras, Mafra, Setúbal, Leiria, etc.; Gremio dos Funcionarios do Municipio de Lisboa, Gremio dos Funcionarios da Camara Municipal do Porto, Gremio dos Fiscaes do Municipio de Lisboa, Escola Primaria Superior de Tomar, representantes das Juntas de Freguezia da provincia, Escola Commercial de Ferreira Borges, Escola Industrial de Machado de Castro, Escola Commercial de Velga Belão, escolas primarias superiores de Lisboa, Leiria, Santarem, Aldegalega; deputações das Policias do Porto e Lisboa, esta com estandarte; um numerosissimo grupo de officios do Exército, Marinha, Guarda Fiscal e Guarda Nacional Republicana; lojas maconicas, comissões politicas dos partidos constitucioes da Republica de Lisboa da provincia; Centro Escolar Democratico Antonio Luiz Inacio, dr. Queiroz Veloso, diretor geral do ensino universitario; dr. Antonio Luiz Gomes, reitor da Universidade de Coimbra; professores Cirilo Soares, dr. Ferrei-



O ultimo turno no Congresso da Republica

grande caminhada para o repouso sepulcral do «Pantheon».

#### O cortejo

##### Como foi organizado

Colocada a urna sobre o armário e coberta com a bandeira nacional, foi aquelle rodeado pela academia e pelas deputações das Camaras Municipaes, que conduziam estandartes.

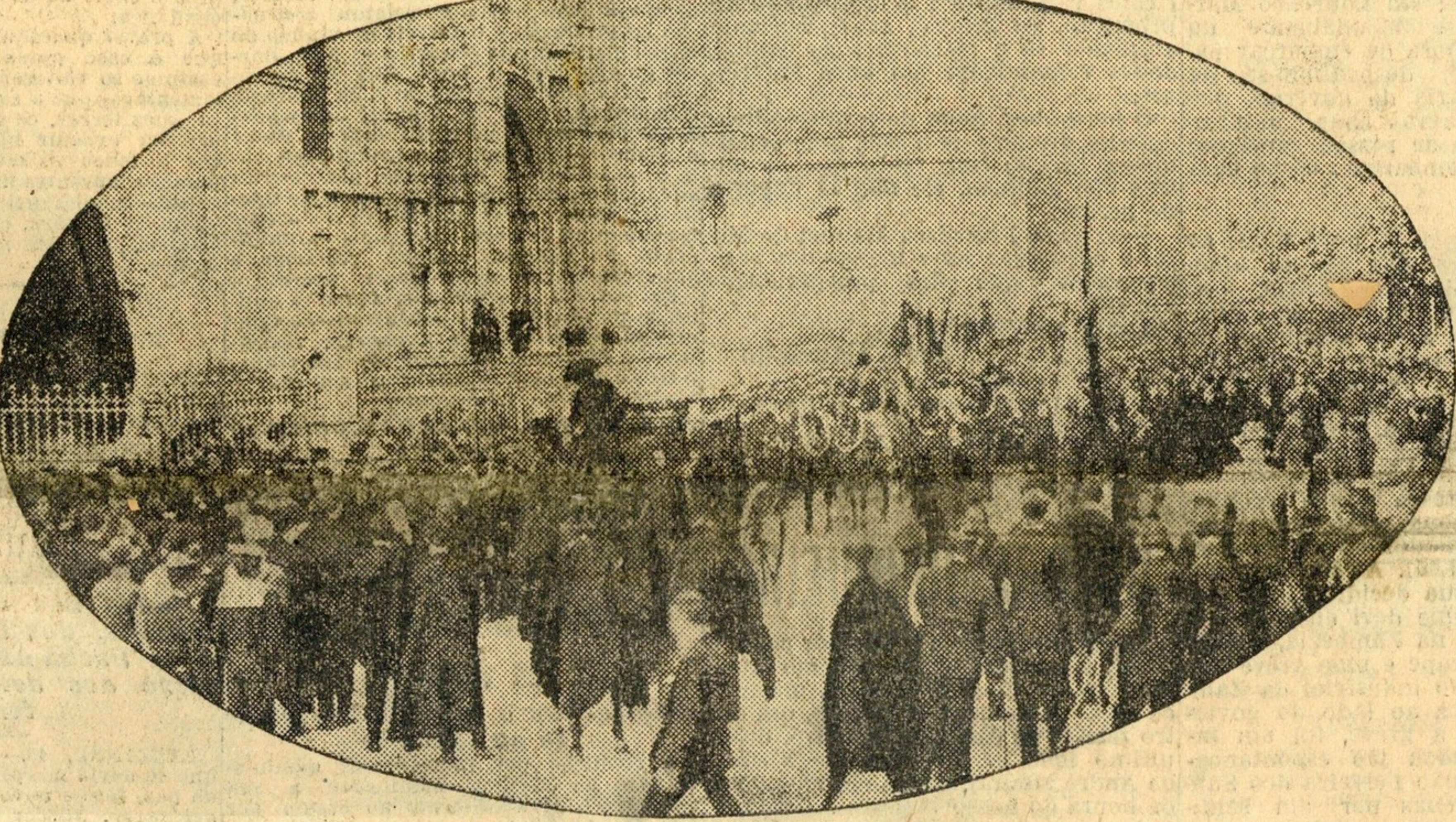
Pouco depois, punha-se o cortejo em marcha pela seguinte ordem:

Um esquadrão de lanceiros 2.ª cingalães conduzindo os deputados srs. Estevão Aguiar, dr. Crispiano da Fonseca e Aguiar Langá, ministros do Trabalho e do Comercio, com o pessoal dos gabinetes; almirante Pinto Basto, major general da Armada e ajudantes, general Garcia Rosado e ajudantes, ministro das Finanças, general Roberto Batista, comandante da 1.ª Divisão e ajudante; diretor da Alameda, direção e comando dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa, ministros dos Estrangeiros, Guerra, Colonias e Justiça; pessoal do gabinete da presidencia do Ministerio, presidentes e deputações das Camaras dos Deputados e do Senado, governador civil e secretario, presidente do Ministerio e comandante Jaime Ailias, secretario geral da Presidencia da Republica, representando o sr. dr. Antonio José de Almeida; e dr. Mesquita de Carvalho e sua esposa, sr.ª D. Maria Isabel de Guerra Junqueiro.

Seguiam-se-lhes uma fila de estudantes e, logo após, a direção da Associação de Classe dos Trabalhadores da Imprensa, com o seu estandarte.

O armário com a urna era precedido por um coche puxado a duas parelhas, conduzido o prior da Lapa e o seu acolito.

O feretro, conduzido n'um armário puxado a tres parelhas pertencentes á Presidencia da Republica, era ladeado por duas longas filas de estudantes e pelos estandartes das academias de Coimbra, Porto, Santarem, Setúbal, Evora e Faro, das Faculdades de Letras da Universidade de Lisboa, Instituto Superior do Comercio de Lisboa, Escola Industrial Fonseca Benevides, á direita, Camaras Municipaes de Lisboa, Porto, Aveiro, Vizeu, Castelo de Vide, Santarem, Chaves, Alco-



O grandioso cortejo passando em Santos

#### A caminho de Belem

##### Milhares e milhares de pessoas aguardaram a passagem do cortejo

Uma multidão consideravel affluu hontem ás ruas para o passarem a caminhada do mosteiro dos Jeronimos. Muitos mortos de Guerra Junqueiro. Muito antes das 15 horas já era difficil o transitio pelas ruas por onde o prestito passava. Os parapeitos das ruas estavam cobertos, por iniciativa da Academia de Murtas, alfazema e alecrim. Os candieiros, envoltos em crepes, foram acesos e muitas janelas do percurso viam-se engalanadas de negro.

As 15 horas foi interrompida a circulação de veiculos e pedes pelas ruas do percurso. A multidão, com uma cordura e recolhimento extraordinarios, alinhavava-se, compactamente, ao longo dos passeios, sem necessidade da intervenção da policia.

No largo fronteiro ao Congresso postaram-se, com as costas para o edificio, a que davam a esquerda, os corpos de alunos do Colegio Militar e Escola Militar, devidamente armados. Em frente postaram-se os alunos do Instituto Profissional e os Pupilos do Exercicio, igualmente armados.

Nos passeios ao longo da avenida Presidente Wilson, tomaram logar as diferentes colectividades que aqui aguardavam o momento de se incorporarem no cortejo.

O cortejo seguiu pela avenida Presidente Wilson, rua de São João, largo 30 de Abril, ruas 1.ª de Maio e 2.ª de Maio, de Belem, até aos Jeronimos. A multidão, reverentemente, descobria-se á passagem da urna, vindo-se aqui todas as pessoas, mesmo a gente humilde, trajando de rigoroso luto.

As janelas encontravam-se repletas de gente, principalmente senhoras, vendo-se algumas d'elas em panos de dô.

Quando o feretro chegou a rua 24 de Julho appareceu, voando sobre o prestito, o aeroplano «Vasco da Gama», conduzindo o comandante do Grupo de Esquadrihas e Aviação de guerra, e, depois de varias evoluções a grande altura, desceu, voando quasi á altura dos telhados.

Tambem um hidro-avião fez varias evoluções sobre o cortejo.

Alguas casas de retalhadas e commercias tinham as bandeiras fladas a meia haste e cobertas de crepes. Muitas pessoas, principalmente senhoras, desmaiaram á passagem do feretro com os restos do grande poeta.

E no meio do mais religioso respeito, o armário com a urna chegou á Rocha do Conde de Obidos.

#### As crianças das escolas

##### Disseram o seu comovido adeus ao Poeta do alto da escadaria da Rocha do Conde de Obidos

Cedo, horas antes mesmo de se iniciar a organização do cortejo tenebre, começaram a chegar ao Jardim da Rocha do Conde de Obidos as crianças das escolas officias de Lisboa, acompanhadas dos respetivos professores e estendendo os seus estandartes com laços de crepe. Todos os professores trajavam de negro e algumas crianças, poucas, traziam laços pretos sobre as suas blusas pobres. Foram occupando logar ao longo do gradeamento da vasta escadaria, que dá acesso do Aterro ao Jardim da Rocha do Conde de Obidos.

Em baixo, a fila azulada do rio não era cortada por uma unica embarcação. Ao longo dos caes, os navios conservavam os pavilhões á meia adriça, tendo aliado plangentemente quando a urna com o corpo do Poeta saia do edificio do Congresso da Republica. Depois, fez-se um silencio grande, até mesmo na multidão, que se comprimira ao longo dos passeios, em toda a extensão do Aterro. As crianças, sob as flechas mordentes do sol, aguardavam, impacientes, o momento de dizerem o seu ultimo adeus ao genio do seu amigo enternecido e grande. Foram chegando mais escolas; contando-se por algumas centenas os corações infantis que batiam n'um vago ancioso ritmo, o esquadro de lancetas que abria o cortejo. A multidão ondula e marulho, n'um desprimir de anciedade mal contida; comprimiu-se ainda mais para ver melhor. Um aeroplano fez evoluções sobre o cortejo atraído, por momentos, as atenções da criança.

As dezesseis horas avistouse, ao longo, o esquadro de lancetas que abriu o cortejo. A multidão ondula e marulho, n'um desprimir de anciedade mal contida; comprimiu-se ainda mais para ver melhor. Um aeroplano fez evoluções sobre o cortejo atraído, por momentos, as atenções da criança.

(Ver continuação na 4.ª pagina)

# Junqueiro e os seus amigos

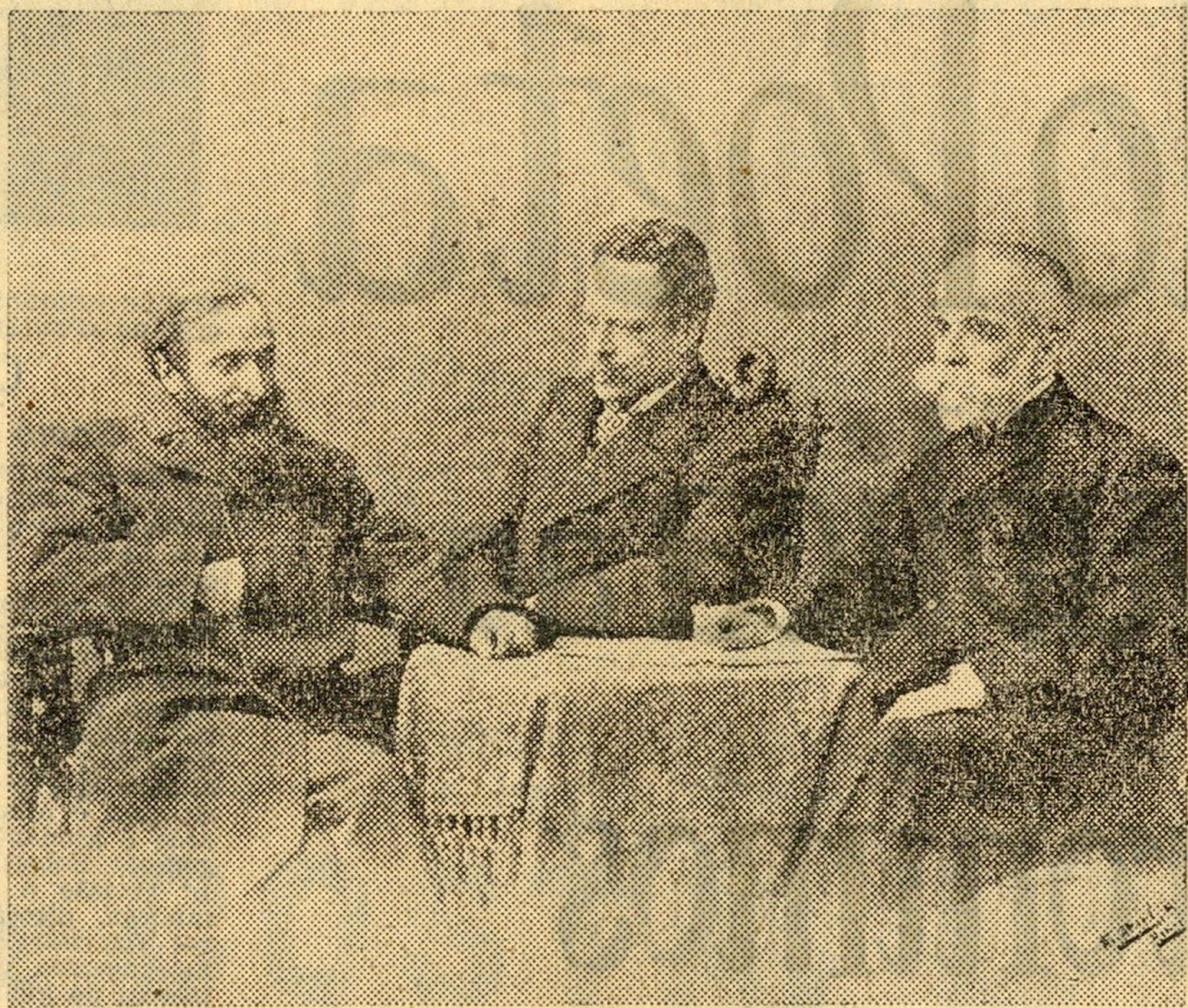
## Porque não foi o Poeta Ministro em Madrid

O Poeta foi, através das mais difíceis condições da sua vida, um extremo e dedicado amigo dos seus companheiros de Coimbra. Terminados os cursos cada um seguiu rota diferente. Ele ficou, porém, mau grado o antagonismo de ideias com alguns, amigo de todos e recordava-os sempre com grande ternura.

Dos seus companheiros de Universi-

que foi depois Chefe do Estado. Mas ficou sempre com pena de não ter homenageado suficientemente em vida o dr. Joaquim Urbano. Como este fôra diretor do hospital do Bomfim, no Porto, o sr. dr. Bernardino Machado, quando presidente do ministério, determinou que ao referido estabelecimento fosse dado o nome d'ele.

Quando ministro dos estrangeiros no Go-



**Uma fotografia tirada ha anos no Porto:—Junqueiro e os seus dois amigos e condiscipulos de Coimbra, drs. Joaquim Urbano e Bernardino Machado**

dade, dois houve que lhe mereceram sempre uma estima muito pessoal e muito íntima: os srs. drs. Bernardino Machado e Joaquim Urbano da Costa Rebelro. Eram como que irmãos. Junqueiro cursava direito, Urbano medicina e Bernardino Machado filosofia. Leram juntos em certa altura, os mesmos livros e eles próprios, por que cursavam faculdades diferentes, se consideravam constituintes d'uma Universidade especial.

Quando em 1880 o Poeta publicou a «Musa em ferlas» dedicou-a ao seu condiscipulo

verno provisorio, o sr. dr. Bernardino Machado, recordando a Junqueiro os seus bons tempos de Coimbra, disse-lhe que precisava d'ele para ministro em Madrid, em cuja côrte a etiqueta é, como se sabe, rigorosa. O Poeta observou-lhe, porém:

—Mas repara, homem: eu não me sei vestir... cubro-me.

E foi, então, nomeado ministro em Berne. Anos antes, em março de 1906, encontrando-se os tres no Porto, tiraram a fotografia inédita que o *Seculo* publica hoje.

# GUERRA JUNQUEIRO

## Os restos do glorioso poeta repousam, desde hontem, nos Jeronimos

(Conclusão da 1.ª pagina)

O cortejo destilou lentamente; a extensa fila de automoveis levou longos minutos a passar. No couce d'ela, a carruagem da Presidencia da Republica, conduzindo o chefe do Governo. Uma fila de estudantes, de capas cingidas, barra de negro a rua. Ha emoção, vêem-se lagrimas em muitos olhos. Depois alas de estudantes e entre ellas outra barra negra, cortando de lado a lado a rua—são algumas alunas dos liceus, cingindo, compungidamente, as suas capas.

Começam a agitar-se as bandeiras desfraldadas e as fitas brancas nas mãos infantis. Tem seu quê de simbolico esse gesto, em que revive o luto branco dos tempos que foram. Parece que um bando imenso de pombas brancas ensaia as remiges, para voar.

Entre a massa negra e movediça, formada pelos estudantes, na qual os estandartes das corporações põem florações bizarras, surge o armão que conduz o feretro. As crianças agitam as fitas freneticamente. A alma santissima do Poeta deveria ser grato esse adeus cheio de ternura dos pequeninos, dos filhos do povo, que ele tanto amou.

O armão com a urna parou alguns minutos em frente d'esse altar das crianças, recebendo a benção da sua saudade. E não deixaram de adejar as fitas, no meio do silencio comovido da multidão descoberta. Até que desapareceu á vista o ataúde, os pequeninos de Portugal, n'uma pira ardente de alvissimas labaredas, não deixaram de consumir a sua vaga saudade pelo que foi o mais santo e o mais alto espirito da sua terra e da sua raça.

### As forças em parada

#### Prestaram as honras militares aos despojos funebres do Poeta

O cortejo proseguiu em seguida a sua marcha entre as saudações comovidas da população. Os passeios da rua 24 de Junho achavam-se apinhados de gente, na sua maioria constituída por operarios.

As ruas que vão dar ao largo 20 de Abril e rua 1.º de Maio apresentavam um espectáculo imponente, completamente repletas de povo.

Em Santo Amaro, na estação dos electricos, os carros foram assaltados pelo publico, que invadiu a estação, oferecendo um curioso espectáculo.

Ao entrar o cortejo na rua da Junqueira, como o Grupo de Baterias de Artilharia a Cavallo occupava toda a largura da rua seguiu pelo passeio do lado esquerdo, por debaixo da abobada formada pelas arvores que dos dois lados o orlam, voltando ao pavimento da rua, junto ao Deposito Militar Colonial.

As forças da 1.ª Divisão do Exercito, do Campo Entrincheirado de Lisboa, Guarda Fiscal, Guarda Nacional Republicana e Marinha eram superiormente comandadas pelo coronel sr. Bivar de Sousa, comandante de lanceiros 2.

As forças formaram em duas alas, ao longo das valetas, desde o areal da Junqueira aos Jeronimos, pela seguinte ordem: Grupo de Baterias de Artilharia a Cavallo, 3.º Grupo de Baterias de Artilharia 3, 1.º Grupo de Metralhadoras, infantaria da G. N. R., Guarda Fiscal, 1.º Grupo de Companhias da Administração Militar, 1.º Grupo de Companhias de Saude, Artilharia de Costa, Batalhão de Sapadores de Caminhos de Ferro, Batalhão de Telegrafistas de Campanha, Regimento de Sapadores Mineiros, regimentos de infantaria 1 e 16, Deposito de Adidos da Guarnição de Lisboa e batalhão de Marinha.

A passagem do armão com os restos mortaes do insigne poeta as forças apresentaram armas tocando os ternos de clarins e corneteiros a marcha de continência e as bandas marchas funebres.

Durante o percurso, a banda do Asilo Maria Pia tocou uma marcha fúnebre.

### A chegada aos Jeronimos

#### Como o Poeta entrou na immortalidade do «Panthéon»

Às 18 horas, as individualidades que esperam o cortejo junto da porta principal avançam, até ao portão, acompanhadas dos srs. Barreto da Cruz, chefe do protocolo da Presidencia da Republica, e Costa Carneiro, chefe do Ministerio dos estrangeiros. Em frente da porta principal e da porta lateral do grande templo, erguem-se sócos enormes, dois com painos negros e dois sem elles, que o mestre Henrique Martins, sob a direcção do cenógrafo sr. Augusto Pina, construiu durante a noite.

Sobre as colossaes peanhas assentam piras bronzeadas, onde ardem mirra e incenso. Além dos membros da comissao, recebem as pessoas que veem chegando do cortejo os srs. embaixador do Brazil, ministros da Inglaterra, Estados Unidos, Hespanha, França, Chile, Cuba e Italia, e encarregados de negocios da Alemanha, Peru e China, e o comandante Millet, adido militar francez. O alto clero portuguez não está representado, vendo-se, entretanto, monsenhor Forpi, secretario da Nunciatura Apostolica.

Emquanto não chega o corpo do Poeta, o sr. dr. Reinaldo dos Santos, no côro, faz uma interessante palestra aos musicos, da Filarmonia, dissertando brilhantemente sobre a a quietura dos Jeronimos. O cruzeiro, com as paredes forradas de panos negros, está já apinhado de gente, de senhoras, especialmente, as quaes se apresentam rigorosamente de luto. Entre ellas está a filha do grande Poeta, D. Maria Izabel Guerra Junqueiro Mesquita de Carvalho, que foi conduzida até junto do altar pelo braço do sr. dr. Trindade Coelho.

Entre o publico figuram muitos homens de letras illustres: Kaul Brandão, dr. Jaime Cortezão, dr. João de Barros, dr. Augusto de Castro, pela Academia de Ciencias, etc. A Casa de Jornalistas é representada pelos seus directores, srs. José Sarmento, Francisco dos Santos Tavares e Rocha Junior.

Entretanto, o ataúde transpõe o portão central do edificio. Um grupo de alunos da Casa Pia de Lisboa faz a guarda de honra. O momento é de emoção. Estudantes de Lisboa, Porto e Coimbra, agitando palmas e estandartes, acompanham o corpo, reclamam-no e levam-no aos hombros pelo templo fúnebre.

A porta recebe-o o prior de Santa Maria de Belem, monsenhor Casimiro Nogueira, acolitado pelos reverendos Francisco Batista Leitão e Henrique d'Almei-

da, padres da freguezia. O cortejo põe-se novamente em marcha em direcção ao transepto, onde está o catafalco. Sacristães, á frente, alçam a cruz paroquial e os ciriaes.

#### O corpo ficou junto do tumulo de Herculano

No côro, a Filarmonia, sob a direcção do maestro sr. Francisco de Lacerda, rompe com o «Largo», de Haendel, magistral peça de musica, cuja nobreza e sobriedade se casam bem com a harmonia architectonica do magestoso templo. Pelos vitraes a luz cõa-se difficilmente; a egreja mergulha n'uma penumbra mais loza que nunca religiosa.

O ataúde é deposto no catafalco de negro e ouro. Rompem, na praça D. Vasco da Gama, as 21 salvas de artilharia, que perturbam um pouco o silencio cheio de saudade que rodeia o Poeta. O rev. prior faz a encomendação do corpo.

E logo, terminado o responso, a orquestra faz ouvir a marcha fúnebre da «Heróica», de Beethoven, a mais eloquente das orações funebres que se tem conhecido. Estão ali milhares de pessoas de todas as classes e de todas as edades; entretanto, subjugadas pela mística eloquencia da musica, não dão sinal de si. O silencio é absoluto, a dôr toca todos os corações:

A mocidade das escolas, n'uma ultima homenagem, inclina sobre o caixão as suas palmas e pendões. Toma, por fim, aos hombros a urna e vae depõ-la, seguida de um numeroso cortejo e por entre os acordes dolentes do «Adagio», junto do tumulo de Alexandre Herculano, na sala do Capitulo. Tinha-se resolvido que o ataúde ficaria no batisterio, junto de Garrett e de João de Deus; mas, durante a cerimonia, resolve-se depositá-lo junto de Herculano.

No «Panthéon» dos Grandes Homens, o Poeta tem ali bem o seu lugar. Como ele o queria, fica quasi só, sem flores e sem panos ricos. A multidão, ás 19,30, começa debandando. As grades da capela ficam apenas algumas senhoras rezando.

#### As representações no funeral

##### Varias individualidades e organismos de todo o paiz fizeram-se representar na fúnebre cerimonia

Fizeram-se representar no funeral do Poeta: o director do «Primeiro de Janeiro», sr. Adriano Gomse Pimenta; o sr. Nunes Claro, a direcção da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães e as Camaras Municipaes de Mogadouro, Penacova e Pombal, pelo sr. dr. Trindade Coelho, os Bombeiros Voluntarios do Porto, pelo sr. Carlos Monz, presidente da Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa; o corpo docente do Liceu Sá de Miranda, de Braga, pelos professores do mesmo liceu srs. Braga da Cruz e Andrade Novaes; as camaras municipaes de Cabeceiras de Basto e Guimarães e a Escola Primaria Superior d'esta cidade, pelo sr. Mariano da Rocha Felgueiras; o Liceu Martins Sarmento, de Guimarães, pelo sr. dr. Araujo Lima; a Camara Municipal de Niza, pelo senador sr. José Sequeira; a Camara Municipal de Faro, pelos senadores da minoria da Camara de Lisboa; a Camara Municipal de Mafra, pelo sr. Casimiro Santos Nogueira; os jornaes «Voz do Sul», de Silves, e o «Correio do Sul», de Faro, pelo nosso colega Jullião Quintinha; o Instituto de Seguros Sociaes, pelo sr. Alfredo da Costa Andrade; o jornal o «Setubalense», pelo nosso colega Safera Costa; o inspetor e professor do circulo escolar de Vizeu, pelo sr. João da Cunha; a Academia de Braga, pelos estudantes srs. Americo Velloso e João da Silva Neto; o corpo docente do Liceu de Portalegre e o sr. Jaime Batalha Reis, pelo sr. Reis Machado; a redacção e administração do «Primeiro de Janeiro», pelo sr. Mario Quintela; o jornal «Povo do Norte», de Vila Real, pelo sr. Diamantino de Magalhães; a Camara Municipal de Sobral de Mont'Agraco e Escola Primaria Superior de Tomar, pelo sr. Barbosa Carvalho; as Camaras Municipaes de Lamego e Sinfães, pelo sr. Meletizer Guedes; o Gremio de Minho, pela mesa da assembleia geral; as camaras municipaes de Valença e de Paredes de Coura, pelo senador sr. Ramos Pereira; as escolas primarias superiores do Porto, Braga e Guarda, pelo director da Escola Normal Primaria de Lisboa, sr. Luiz Passos, secretario da Escola sr. Abilio Mendes e pelos alunos do mesmo estabelecimento, srs. José de Oliveira Boléo, Alfredo R. Gil, Americo de Figueiredo, Sebastião Carvalho, Amelia Stela Passos e Olinda Assis Pacheco; o sr. Cardoso Marta, os srs. dr. Claudio Basto, Assunção Martins, dr. Goran Bjorkman, e as publicações «Lusa», de Viana do Castelo, o «Despertar», de Coimbra; a Academia das Ciencias de Lisboa, o Grupo Pró-Evora, a Sociedade dos Arquitectos do Norte, os srs. drs. Eugenio de Castro, Julio Dantas, Antero de Figueiredo e Queiroz Ribeiro, pelo sr. dr. Augusto de Castro director do «Diario de Noticias» e socio efetivo da Academia das Ciencias.

A «Ilustração Portuguesa» fez-se representar pelo nosso colega sr. Mario Salgueiro.

### Varias notas

#### Estudantes no «Seculo»

Estiveram hontem no «Seculo» os estudantes da Universidade de Coimbra srs. Cúcio de Almeida, presidente da Associação Academica; Fernandes Martins, presidente da Tuna; Frederico José de Sousa, representante dos estudantes brazileiros que frequentam aquele estabelecimento de ensino; João Doutel de Andrade e Augusto Morna, quintanistas de medicina.

Apresentando-nos os seus cumprimentos, em nome da Academia, tiveram palavras de extrema gentileza para o «Seculo» e para a sua redacção, acentuando a simpatia que ao nosso jornal tem sempre merecido e continuará merecendo, por d'ela ser digna, a Academia de Coimbra.

Tambem nos deram o prazer da sua visita os academicos portuenses srs. Julio de Carvalho Vouga, da Associação dos Estudantes, e José Branco, secretario do Orphéon Academico do Porto.

Os estudantes do Porto e de Coimbra regressam hoje de manhã e á noite ás suas cidades.

Às 16 horas todos os templos abriam as suas portas aos fleis, fazendo os sinos dos respectivos campanarios dobres a finados. Todos os estabelecimentos da Balxa, Chiado e outros pontos fecharam ás 14 horas, vendo-se nas montras de alguns

d'elles retratos de Guerra Junqueiro, cobertos de negro. As officinas e fabricas suspenderam os trabalhos ás 13 horas.

—A Federação Academica de Lisboa tomou a iniciativa de um «Memorandum», que sera impresso na Imprensa da Universidade, sendo o seu produto destinado a um monumento ao Poeta. A comissao da F. A. sera presidida pelo estudante sr. Raul Brandão e fazem parte d'ela Zagaldo Fernandes, Rodrigo Migueis, Filipe Ferreira, Ernesto Pereira e Tomaz Junior.

—Depois da entrada da urna nos Jeronimos, a policia, por ordem do sr. Almeida d'Ala, vedou a entrada até mesmo as pessoas que possuíam cartões especiaes e que para esse fim tinham sido distribuidos pela comissao organisadora do cortejo. Nesta ordem foram tambem incluídos os representantes da Imprensa, entre eles um nosso «reporter», a quem de nada valeu a intervenção do sr. dr. Magalhães Lima, que, apesar de membro da comissao, não conseguiu convencer os srs. governador civil e commissario adjunto que de tal ordem não deviam participar os jornalistas.

### Na provincia

#### A' hora em que se realisava o funeral de Guerra Junqueiro, as cidades do Porto e Coimbra rendiam á sua memoria sentidas homenagens

PORTO, 14.—C.—A cidade teve hoje um aspecto verdadeiramente lutuoso. Por toda a parte bandeiras a meia haste; estabelecimentos fechados e gente vestindo de negro. A propria Natureza, como que quiz associar-se ao luto dos corações, pois até á 13 horas o sol não brilhou. Às 16 horas, quando o feretro do eminente Poeta transpunha a porta do Congresso, em direcção aos Jeronimos, as peças de artilharia postadas na Serra, Alto do Bomfim, e praça Marquez de Pombal troaram, e os clarins, ás portas dos quartéis e na praça da Liberdade, tocaram a sentimento. Durante os dois minutos de silencio paralisou o movimento de veículos, conservando-se toda a gente de cabeça descoberta. Apenas se ouvia o dobre a finados em todos os templos da cidade.

As egrejas estavam abertas e muitas repletas de crentes que n'esse momento rezavam por aquele que ia repousar definitivamente no historico templo dos Jeronimos. A cidade do Porto, que Junqueiro tanto amava, rendeu á sua memoria a mais sentida e significativa homenagem.

Bem andou a Junta Patriótica do Norte alvitando os dois minutos de silencio.

O aspecto da praça da Liberdade, calhada de agremiações com bandeiras, era impressionante. Junqueiro merecia esta consagração do Porto.

—O conselho da Escola Normal resolveu realizar uma sessão solene de homenagem á memoria de Guerra Junqueiro e collocar o retrato do Poeta no salão nobre d'aquella estabelecimento.

COIMBRA, 14.—C.—Às 16 horas, quando o corpo do egregio poeta Guerra Junqueiro devia sair do Palacio do Congresso para o mosteiro dos Jeronimos, os sinos das torres de todas as freguezias da cidade dobraram a finados. Por toda a parte flutua, a meia haste, a bandeira nacional, e assim tambem as das suas respectivas nações no consulado brasileiro e vice-consulado hespanhol.

—A fim de se incorporarem no funeral de Guerra Junqueiro, representando as respectivas Faculdades universitarias, seguiram tambem para Lisboa os srs. drs. José Beleza dos Santos, de Direito; Gonçalves Cerejeira, de Letras; Anselmo Ferraz de Carvalho, de Ciencias, e Fernandes Costa, de Farmacia.

MATA DE LOBOS, 12.—C.—A morte do insigne Poeta Guerra Junqueiro causou aqui fundo pesar.

MOIMENTA DO DÃO, 14.—C.—Foi aqui muito sentida a morte do grande Poeta Guerra Junqueiro.

BRAGANÇA, 10.—C.—A noticia do falecimento do grande Poeta Guerra Junqueiro, aqui conhecida pela leitura do «Seculo», causou geral e profundo pesar.

SANTAREM, 14.—C.—A fim de assistir e tomar parte no funeral de grande Poeta Guerra Junqueiro, seguiu hoje para Lisboa grande numero de pessoas d'esta cidade.

CALDAS DA RAINHA, 12.—C.—Causou aqui grande consternação o falecimento do grande Poeta Guerra Junqueiro.

Vão d'aqui muitas pessoas assistir aos funeraes.

SANTA COMBA (CEIA), 11.—C.—Foi aqui muito sentida a morte do grande poeta Guerra Junqueiro.

ILHAVO, 11.—C.—Foi aqui sentidissima a morte do grande poeta Guerra Junqueiro.

BUCELAS, 11.—C.—Causou aqui a mais profunda dôr a morte do eminente poeta Guerra Junqueiro.

### No estrangeiro

RIO DE JANEIRO, 14.—A imprensa continúa a deplorar a morte de Guerra Junqueiro. A colonia portugueza promoveu solenissimas exequias, a que assistiram as primeiras figuras da literatura brazileira. Por toda a parte se vêem bandeiras portuguezas e brazileiras a meia haste. As noticias vindas de Portugal ácêrca das homenagens ao Poeta, são lidas com grande interesse.

MADRI, 14.—O jornal «El Sol», publica um notavel artigo de Gomez Baquero, em que Guerra Junqueiro é apresentado como o mais alto simbolo da poesia portugueza.—(Seculo)

### O 14 de Julho

#### Comemoração da tomada da Bastilha

Para comemorar a tomada da Bastilha, o representante da França em Lisboa deu recêção á colonia do seu paiz hontem, pelas 11 horas.

O presidente da Camara de Comercio Franceza leu um discurso de saudação, em nome da mesma colonia, ao sr. Bonin, agradecendo este senhor com palavras repassadas de patriotismo.

Aos convidados foi depois oferecido um copo d'agua, trocando-se brindes muito afetuozos.

Os navios francezes surtos no Tejo, commemorando o dia de festa nacional, embandeiraram hontem em arco.